



COMO SER TRANSEXUAL E/OU TRAVESTI NUM UNIVERSO SIMBÓLICO HETEROSSOCIAL? A “CARREIRA BICHA” NA FAVELA DA ROCINHA, RIO DE JANEIRO

Diego S. Santos¹
Sérgio Luiz Baptista²

Resumo: O presente trabalho reúne algumas das reflexões iniciais do projeto de mestrado desenvolvido e orientado pelos presentes autores no programa de pós-graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos da UFRJ. O objetivo do artigo é apresentar algumas considerações introdutórias que vão nortear a pesquisa de mestrado em curso. Nos debruçamos sobre os registros de atendimentos, fichas de entrevistas iniciais para entrada no programa ViraVida e registros do dia a dia de convivência com alunas travestis e transexuais do referido Programa, na Favela da Rocinha, atrelando-os à reflexões teóricas sobre Gênero, Sexualidade e Cisgeneridade/Transgeneridade/Heteronormatividade. É elencado que a Passabilidade e as normativas da vida na favela são pontos cruciais de análise para o tema em questão. A “Carreira Bicha” é um termo tomado emprestado a partir dos estudos de Howard Becker para compreender a trajetória de algumas/alguns jovens ao longo de sua estruturação subjetiva e performativa de gênero.

Palavras-chave: Carreira bicha; travesti; transexual; favela; gênero.

Abstract: The present work shows some of the initial reflections of masters project developed and guided by the present authors in the postgraduate program in Public Policies in Human Rights of UFRJ. The purpose of the article is to present some introductory considerations that will guide the current master's research. We focus on attendance records, initial interviews for entry into the ViraVida program and daily records of coexistence with transvestite and transsexual students of that Program in the Rocinha's Favela, linking it to the theoretical reflections on Gender, Sexuality and Cisgender / Transgender / Heteronormativity. The Passability and norms of life in the favela are crucial points of analysis for the subject in question. "BichaCareer" is a term borrowed from Howard Becker's studies to understand the trajectory of some young people throughout their subjective and performative structuring of gender.

Keywords: “Bicha career”; transvestite; transsexual; favela; gender.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo tecer considerações sobre cisgeneridade e opressão a partir das narrativas de vida de jovens travestis e transexuais em suas vivências no território

¹ Graduado em Psicologia pela PUC-Rio, Especialista em Gênero e Sexualidade pelo CLAM/IMS/UFRJ, Pós-graduando em Políticas Públicas em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: diesantos.psicologia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7603-7278>.

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, professor Adjunto IV na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: serggioluiz@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6957-6719>.

da Favela, das ex-alunas do projeto socioeducativo chamado ViraVida, a partir das quais a pesquisa de mestrado em desenvolvimento no PPDH da UFRJ, desenvolvida e orientada pelos presentes autores, respectivamente, se dá.

O tema em questão faz parte da trajetória profissional do pesquisador tendo vista a inserção nas atividades profissionais na condição de profissional do *Programa ViraVida* atuando no SESI no período de 2012-2016.

No decorrer de minha inserção profissional pude perceber o quanto a perspectiva da heteronormatividade, na qual a cisgeneridade³ se encaixa, pode se estabelecer como violação dos direitos humanos. Neste sentido, ressalto uma observação empírica de meu cotidiano: Em novembro de 2014, no centro de ação e cidadania da Rocinha Edifício Rinaldo De Lamare, nas dependências do Programa ViraVida, em uma oficina sobre empreendedorismo na vida, Fê⁴, uma jovem travesti pergunta se um dia uma travesti pode ser advogada. A resposta fornecida é um questionamento – um furo naquela certeza do “não”. “Não pode? Porque não pode?”.

Seria cruel se fingíssemos não entender o porquê não pode: esse não clivado na subjetividade da referida aluna evidencia o quanto a cisgeneridade impõe uma narrativa de vida previamente limitada a lugares subalternizados socialmente. O sujeito subalterno na definição de Spivak (2010) é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (p.12). A amplitude dessa opressão alcança a autopercepção do gênero, subsumida a sexualidade. Por isso as jovens travestis e transexuais participantes do ViraVida se percebem como homossexuais muito afeminados antes alcançarem o autorreconhecimento em um status transcendente de seu gênero.

O presente trabalho nasce do mesmo embrião do projeto de pesquisa realizado no mestrado: a partir da convivência com jovens que se identificam como transexuais ou travestis - que não se identificam com o gênero da designação primária ou designação baseada na biologia e/ou sexo biológico. É importante frisar: mesmo o suposto conceito essencialista de sexo biológico já é carregado de pré-discursos sobre ele, uma vez que carregam expectativas construídas socialmente sobre a categoria sexo⁵. Tais pessoas são participantes do Programa

³ Concordância entre a identidade de gênero e o sexo biológico de um indivíduo e o seu comportamento ou papel considerado socialmente aceito para esse sexo. Para Jesus (2012), cisgênero é "um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado no momento de seu nascimento" (p.15).

⁴ Todos os nomes apresentados foram modificados para preservar o anonimato.

⁵ Para uma discussão mais aprofundada da construção social do sexo, ver Fausto-Sterling (2002).

ViraVida, iniciativa que trabalha com jovens com histórico de situação de exploração sexual comercial⁶ com idades entre 16 e 22 anos. O objetivo principal do ViraVida é promover a elevação da autoestima e da escolaridade e, por conseguinte, a inserção no mercado de trabalho dos adolescentes e jovens participantes, para que, desvendando o próprio potencial, conquistem autonomia para além do mercado de sexo, visto que este é percebido pelos usuários do ViraVida como a única saída possível para gerar renda e subsistir financeiramente – uma escolha com parco leque de outras opções.

Explicitando a pesquisa

Na escrita íntima de si (FOUCAULT, 1992) é possível perceber que o ato de escrever é também o ato de se mostrar ao outro. A partir da fala, o texto oralizado se dá numa tradução, uma reescrita da história do sujeito. É a partir do acompanhamento das narrativas sobre suas próprias vidas que é possível redimensionar uma nova compreensão sobre o ser no mundo. “(...) a biografia procura dominar esta relação, apresentando como sujeito absoluto o que é apenas um sujeito possível (...) é uma questão de abertura de um espaço” (FOUCAULT, 1992, p.12). Abrir um espaço de escuta as narrativas de pessoas trans./travestis é ouvir a voz, dar o devido crédito a autoria de suas próprias vidas, dignificando a existência a partir do autorreconhecimento e do autorrespeito.

Ao Retomarmos a reflexão de Spivak (2010), sobre a voz do subalterno, “escutamos” Foucault (1992) dizendo:

Quando colocamos o problema “Quem fala?” há hoje nas ciências humanas pelo menos duas respostas que, rigorosamente opostas uma à outra, recusam a ideia tradicionalmente aceite do sujeito individual. A primeira, a que chamarei estruturalismo não genético, nega o sujeito, que substitui pelas estruturas (linguísticas, mentais, sociais, etc.) e apenas deixa aos homens e ao seu comportamento o lugar de um papel, de uma função no interior de tais estruturas que constituem o ponto final da investigação ou da explicação. Por seu lado, o estruturalismo genético recusa também, na dimensão histórica e cultural de que faz parte, o sujeito individual; não suprime, contudo, da mesma maneira radical a ideia de sujeito, mas substitui-o pela ideia do sujeito trans-individual. Quanto às estruturas, longe de aparecerem como realidades autónomas e mais ou menos últimas, nesta perspectiva elas são apenas uma propriedade universal de toda a “praxis” e de toda a realidade humana. (FOUCAULT, 1992, p.74)

⁶ A sigla oficial é ESCCA – Segundo a aceção elaborada no I Congresso Mundial de Combate à Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes – Estocolmo, Suécia, em 1996, ESCCA seria a utilização de crianças e adolescentes em atividades sexuais remuneradas, como a exploração no comércio do sexo.

Para o autor, não há fatos humanos que não sejam estruturados, nem mesmo estrutura que não seja significativa enquanto uma qualidade do psiquismo e do comportamento de um sujeito preenchendo uma função específica. Há três teses centrais nesta posição: há um sujeito; esse sujeito é sempre trans-individual em sua dimensão histórica e cultural e toda a atividade psíquica e todo o comportamento do sujeito são sempre estruturados e significativos.

Muylaert et al (2014) consideram narrativas como representações ou interpretações do mundo, expressando a verdade do sujeito de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sóciohistórico. Os autores pensam a forma oral de comunicar por meio de entrevistas narrativas como ressignificação do tempo vivido e das coisas da vida emergindo daí o passado histórico das pessoas a partir de suas próprias palavras, concomitante à própria vida vivida. A Entrevista narrativa é então um meio de contribuir com a construção histórica da realidade, a partir do relato de fatos do passado, promovendo também uma vida no futuro, uma vez que o relato do passado constrói a possibilidade de projetar um futuro.

Este instrumento metodológico da entrevista passa a ser considerado como meio útil para pesquisa: Metodologia significa etimologicamente, o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência (SEVERINO,2007) e para a pesquisa em tela, o emprego de entrevistas é indicado por ser uma técnica de coleta de informações diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados, numa interação entre pesquisador e pesquisado. Santos (2013), remetendo-se aos estudos de Riessman, afirma que a construção de narrativas está intimamente ligada à construção identitária e que o estudo das narrativas é uma ferramenta importante para entendermos como as pessoas processam construções identitárias por meio das narrações de suas histórias. Apenas por meio de entrevistas narrativas podemos de fato ouvir a voz de uma pessoa, sem cair no perigo de torna-la objeto.

Identities e Favela

Berenice Bento (2008) alerta para a hierarquização de identidades por meio de uma diferenciação radicalizada entre travesti e transexual, no qual a primeira seria considerada inferior ou mesmo menos digna que a segunda. Em um atendimento com duas jovens transexuais que são irmãs – a Fê do início do texto e a Isa – uma se via como transexual, pois era mais feminina, enquanto via a outra, a irmã, como travesti, pois não era tão bem

produzida, e era também mais "escrota" (palavras da irmã). A passabilidade⁷ é utilizada por elas para servir de ponto de corte – aquela que possui se diz trans. e aquela que não possui é nomeada travesti. E o desejo perseguido de ter a passabilidade parece surgir como condição de uma inserção social mais confortável para algumas das jovens – não à toa, um dos parceiros de empregabilidade dos jovens no programa ViraVida disse em uma reunião aceitar pessoas transexuais, desde que elas não parecessem tão travestis.

Esse foi um ponto importante observado na convivência para com as usuárias e os usuários do programa, pois outras jovens achavam natural que travestis fossem assassinadas por se portarem de uma forma "escrota" (que segundo as próprias jovens travestis e transexuais, seria o ato de não seguir as regras de convivência estabelecida pela cafetina do ponto de prostituição, por exemplo, na postura, na forma de abordar clientes ou nas vestimentas). A passabilidade está presente especialmente na atuação profissional na pista, enquanto prostituição, não só pela maior chance de conseguir clientes, como uma regra fixada que permite a escolha entre quem merece viver ou morrer.

Em outro atendimento, Amy afirma ter sofrido transfobia por parte de sua família, especialmente pelo pai, que ao visualizá-la transvestida de mulher pela primeira vez, quebrou as suas duas pernas em agressões corporais, raspando também os seus cabelos – violência comum nas leis do tráfico da Favela. Isso evidencia que a gramática normativa da vida em favela é um importante ponto a ser estudado e questionado com relação à estruturação subjetiva dos seus moradores, incluindo, uma análise mais minuciosa de pontos de convergência entre a experiência trans. e a vida em favela, por serem duas narrativas de vida elegíveis como assassináveis.

Se faz necessário “compreender as relações de poder mais finas, discretas, cujas conexões, ou reciprocidades, permitem a visualização daquilo que Juliana Farias (2015; 2014) chamou de engrenagem” (EFREM FILHO, 2017, p.231), a engrenagem que permite entender o funcionamento da violência no território da favela. Contudo, complexificando a discussão da violência contra travestis e transexuais, Bento (2017) pontua que o que motiva os assassinatos brutais de travestis e transexuais não seria a sexualidade, mas o gênero feminino: as mulheres trans morrem porque são mulheres, ocupam a posição de objetos da subordinação e de vulnerabilidade social. Contudo, essas mortes são mais complexas do que as mortes de mulheres cisgêneras: o feminino das mulheres trans é menosprezado por se manifestarem em

⁷ Quando a pessoa trans é lida pela sociedade como se fosse cis. Díaz-Benítez (2017) ilustra que o termo parece ter origem nas redes de adeptos da prática crossdressing, quando convencem ser do outro sexo.

corpos que nasceram com pênis. Esses corpos se tornam abjetos por subverterem a ordem de gênero, ocupando a posição de corpos “elimináveis”.

Para Bento (2017), é exatamente esse traço de abjeção que explica a combinação, que a autora classifica como perversa, da forma espetacularizada que esses assassinatos ocorrem com a naturalização e a impunidade com as quais essas mortes são percebidas e tratadas pela sociedade e pelo estado.

Gênero e Sexualidade

A heteronorma, ou heteronormatividade, termo cunhado em 1991 por Michael Warner (PETRY; MEYER, 2011) é um conceito referente à problematização e à crítica de normas de sexo, identidade de gênero, papel social de gênero e sexualidade, e das implicações sociais destas instituições, compreendido como um padrão normativo de sexualidade que regula o modo como as sociedades ocidentais estão organizadas. Ela é descritiva de um sistema binário e dicotômico de categorização, vinculando comportamento social e identidade a partir da genitália: conceitos estritamente definidos de virilidade e feminilidade, de macho e fêmea, homem e mulher, logo, sendo esperados comportamentos tanto de homens quanto de mulheres com relação ao seu sexo e seu gênero.

Possuindo linhagens na noção de Gayle Rubin (1993) do "sistema sexo/gênero" e na ideia de Adrienne Rich de heterossexualidade compulsória (ARAN, 2016), e sendo concebido para descrever as normas contra as quais as pessoas não-heterossexuais lutam, o termo rapidamente incorporou-se aos debates de gênero, e em discussões feministas. Por exercer o poder de ratificar, na cultura, a compreensão de que a norma e o normal são as relações existentes entre pessoas de sexos diferentes, o conceito refere-se ao dispositivo histórico da sexualidade (FOUCAULT, 1985) que deve formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente “natural” da heterossexualidade.

Louro (2009) parte de uma premissa na qual sexo, gênero e sexualidade sustentam-se dentro de uma lógica que considera sexo biológico como natural, se entende esse natural como algo dado por si só. Isso acaba por alinhar natureza e heterossexualidade (o desejo pelo sexo/gênero oposto) que passa a ser privilegiada como forma compulsória de sexualidade e faz com que os sujeitos que escapam à esta norma sejam deslocados para a margem da preocupação das escolas, da justiça, e da sociedade em geral. Porém, são aberrações necessárias para construir os contornos, as bordas daqueles ditos normais.

A referida autora traça um importante limite epistemológico, questionando onde se aloariam os sujeitos que não ocupam nenhum dos dois lados desse binarismo, como os bissexuais, os transgêneros, as travestis e as drags. A ciência não dá conta da ambiguidade, atravessamento e da turvação das fronteiras do gênero e da sexualidade e da lógica binária promovida por tais sujeitos, deixando-os em um não lugar. Neste sentido, sugere que se problematize o estatuto de “verdade” da dicotomia heterossexualidade/homossexualidade como a categoria explicativa da sociedade contemporânea.

Entre alguns dos atendimentos e atividades realizadas no Programa ViraVida, ficou evidenciado que uma identidade transexual ou travesti, para essas pessoas, é amparada numa vivência de “carreira bicha” – o indivíduo vai assumindo desejos gays, passa pouco a pouco a se feminilizar, até que assume os caracteres atribuídos ao gênero feminino; ainda assim, muitas alunas se nomeavam e eram reconhecidas e automeadas como ‘viados’ ou ‘bichas’.

Carreira Bicha

Tomando emprestado o sentido dado à ideia de carreira por Howard Becker, uma concepção útil à análise do comportamento desviante que ele estuda (ainda que não sejam estudos direcionados à homossexuais somente), é possível entender a carreira como mecanismo no qual o desvio passa a ser um ato tão apropriado ou conveniente, que passa a ser um modo de viver, e o indivíduo desviante passa a organizar a identidade em torno de um comportamento desviante, e de algum modo, passa a tirar o maior proveito de seu desvio: “O ingresso numa carreira de um desviante é o ingresso num grupo de desvio organizado” (BECKER, 2008, p. 47). O comportamento homossexual seria, claramente, desviante do comportamento heterossexual, que seria a norma. Neste sentido, Mota (2014) exemplifica que, para homossexuais, por exemplo, a carreira não se refere a uma experiência casual – é preciso que se siga um padrão de atividade homossexual durante toda a vida; mas os custos sociais de se construir uma trajetória em desvio tem consequências para a autoimagem, pois pode conferir novo status para a participação social. No caso da experiência em curso, um complexo entrelaçamento de sexualidade, identidade e gênero ocorre na vivência dessas jovens, levando-as a simplificar o que nomearíamos como identidade trans. como uma vivência extremamente afeminada – uma autêntica bicha.

Dito isso, utilizamos o termo escolhido pelos jovens para se nomear, bicha, para tentar entender uma possível “Carreira” bicha como contraponto político ao não lugar inicial que as alunas do ViraVida anunciam ocupar. Uma carreira que ilustra a passagem da vida de uma

identidade gay para uma identidade trans. ou travesti, reforçando essa posição política para além de uma aceitação da mudança de gênero como inscrição na heteronorma. A palavra bicha é designada à homens cisgenero que não se comportam segundo o que é recomendado socialmente ao gênero masculino, enquanto as jovens em questão transcendem o sexo designado em sua certidão de nascimento. Entendemos a identidade travesti ou transexual como uma nova potência de ser.

Segundo Oliveira (2017), assim como acontece com o termo “homossexual”, com o qual a prática antecede a emergência de um sujeito nomeado pelo termo, a palavra “bicha” é inventada no século XX, ainda que hajam vestígios desta palavra localizados muito antes no tempo. “Os frescos, putos, viados (...) são os precursores da bicha que invadem o pensamento de juristas e médicos brasileiros (ZAMBONI, 2016) no final do século XIX e início do século XX.” (OLIVEIRA, 2017, p. 102). Para essa autora, a palavra “bicha” sugeriria uma adaptação da palavra “biche”, do francês, que tem por significado corsa, o feminino do animal veado (mas também jovem mulher). Contudo, Oliveira ressalta que é preciso desconfiar dessa tradução, por conta dos múltiplos sentidos que o termo tem no Brasil, tais como parasita intestinal, verme, sanguessuga. Em sua investigação sobre o termo bicha, Oliveira (2017) lê Green (2000) e identifica uma discussão sobre a bicha no médico brasileiro Edmur de Aguiar Whitaker, publicado em São Paulo, em 1939, quando ele se propõe a “descrever as atividades sociais, costumes, hábitos e gírias dos homossexuais masculinos da capital paulista. A bicha emerge no discurso de Whitaker como pederasta passivo” (OLIVEIRA, 2017, p.102-103).

O Pederasta passivo foi classificado por Green (2003) como um homem afeminado (OLIVEIRA, 2017). “O passivo é feminino, logo a bicha também o é. A feminilização é imediata, colocada como critério para embichalhar alguém” (OLIVEIRA, 2017, p. 103). Oliveira (2017) segue entendendo que desempenhando uma posição sexual passiva ou não, a bicha não pode apenas manter relações homossexuais, antes de tudo é necessário ser efeminado. Para a autora, a popularização do termo “bicha” carregou o termo com uma visão depreciativa, pois, ao ser transplantado para um universo mais amplo, ocorreu de ser utilizado como um ferramenta de agressão, hostilidade e marginalidade.

A transgressão realizada pela bicha e a ambiguidade de um comportamento feminino por um corpo masculino também provocaram a ansiedade masculina e despertaram o medo de que o feminino do outro pudesse estar nele próprio. Assim, a imagem da bicha, do viado, do pederasta, enfim, daqueles sujeitos do sexo masculino que expressavam uma orientação sexual e um comportamento diferente das normas heterossexuais, foi fundamental para a estruturação das masculinidades no Brasil (OLIVEIRA, 2017, p. 104-105).

Oliveira (2017) por fim explica que a Bicha sofre violência no seio do movimento Gay, quando a existência do Gay heteronormativo se dá pela negação da bicha. “No meio de um fogo cruzado entre cis heterossexuais e gays higienizados, a bicha se contorce para afirmar uma existência que não é nenhuma coisa nem outra.” (OLIVEIRA, 2017, p. 106).

Gênero, poder e violência

Amy, já citada, e Nath, Paty e Bianca são jovens que compartilham uma forte característica: uma autoestima fragmentada, oriunda das agressões físicas e psicológicas vivenciadas na infância, quando já haviam sinais enxergados pela família de uma não correspondência ao comportamento esperado para uma criança classificada no gênero masculino. As violências eclodem ainda mais na adolescência, onde Paty por exemplo é constantemente agredida pelo irmão que ter vergonha dela. A existência desse irmão na favela é manchada pela presença de Paty na família, pela ligação de sangue entre eles. Além das agressões que Amy citou ter vivido por parte do pai, na escola, todas têm seus nomes sociais constantemente desrespeitados na escola; Nath inclusive repete de ano e abandona a escola por um dos professores recusar-se a chama-la pelo nome feminino, insistindo em referir-se a ela com o nome registrado na certidão de nascimento.

No livro *A Dominação Masculina*, Pierre Bourdieu (2002) demonstra quando a masculinidade se estabelece no espaço social enquanto uma violência que se impõe de maneira velada, mas com vigor e autoridade, para sustenta-se como um poder que impõe significados e legitimidade em todas as relações sociais dos indivíduos. A cisgeneridade poderia, talvez, ser lida como sinônimo de masculinidade, numa imbricação de um modelo heterossocial.

Os estudos deste autor enfatizam a construção social dos indivíduos por meio de seu conceito de *habitus*: um sistema articulado de comportamentos, ideias e representações sob a forma de preferências sistematizadas. São um conjunto de práticas por meio das quais os indivíduos marcam, reconhecem e são reconhecidos em suas distinções de acordo com seu capital social, econômico, cultural e simbólico. No espaço social, os atores estariam imersos em um meio terminantemente distintivo e binário quanto ao gênero, mas também intrincados em outras dicotomias como rico/pobre, alto/baixo, claro/escuro, gordo/magro, negro/branco etc. O *habitus* orienta a ação, e como um produto das relações sociais, assegura a perpetuação das condições que o criam.

A dominação masculina é justificada a partir dos sentidos corporais, enxergados prioritariamente por meio da diferença anatômica entre os sexos, que estão incorporadas por sua vez na forma de diferentes esquemas de percepção (por meio do *habitus*). Os dominados entram no jogo do poder e reproduzem os sentidos da ordem social que os dominam; que seria uma ordem dos corpos nas quais homens e mulheres aprendem suas atitudes, modos, pertencimentos e performances. É no corpo que se constrói, se legitima e conforma o *habitus* da dominação masculina que é aceito, produzido e conformado pelos agentes sociais seus pares.

A Jovem Isa parece querer absorver a passabilidade como forma de reproduzir o sentido da ordem social que a rodeia. Quando ela deseja possuir passabilidade, se adequando as regras que ditam o que é ser mulher em todas as demandas, ela constrói no corpo o *habitus* da dominação, legitimando-o. Mas é necessário perceber que é uma estratégia que dá segurança, conforto e uma certa permissão social de existência. A passabilidade, em paralelo com o armário gay, é uma estratégia de sobrevivência (MOTA, 2014). À medida que a passabilidade aumenta, a transfobia diminui (WITTIMAN, 2016).

Ao pensarmos junto com Judith Butler (2008), é possível encontrarmos no pensamento da autora paralelos à noção de *habitus*: Se o sexo é ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem que designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discurso”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (Butler, p. 25, 2008).

Ela propõe a ideia de que gênero é um ato intencional e performativo. São palavras ou gestos que, ao serem expressos, criam uma realidade. Esses atos, repetidos de uma forma estilizada, produzem um efeito ontológico, levam a crer na existência de seres homens e seres mulheres – produzem uma ilusão de substância. Não há “ser”, não há um “fazedor”, não há um “agente” por trás do ato, não há unidade. O caráter ilusório do gênero é denunciado quando ocorre uma incapacidade de repetir, uma deformidade ou quando se trata de uma repetição parodística. Os gêneros são performances sociais. Não há originais e nem cópias, independente de estarmos tratando de pessoas que se identificam ou não com o sexo biológico que nasceram.

Em contrapartida, Paul B. Preciado (2014) defende que apesar das reflexões de Butler sobre performance, o gênero não seria apenas performativo (tomando o termo como um efeito de práticas culturais linguístico-discursivas), mas que é, sobretudo prostético, “não se dá senão na materialidade dos corpos” (p. 29). Para esta autora, seria construído na mesma medida que é orgânico: o gênero seria um resultado de uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais na medida que o próprio sexo biológico é efeito da reinscrição das práticas de gênero no corpo. Contudo, em obras posteriores (BUTLER, 2000), Butler vai avançar em sua discussão do gênero para além da performance.

Paty e Raiza, por exemplo, são jovens que se identificam transexuais mas não possuem nenhuma modificação hormonal no corpo. Elas vivenciam a reinscrição do gênero no corpo mas sem modificá-lo medicinalmente. É por meio das performances diárias e do uso de roupas ligadas ao gênero feminino que o sexo biológico vai sendo refeito. Em contrapartida, Bianca tinha grande dificuldade de assumir-se. Vivenciava uma vida dupla, na internet possuía um outro nome, e apresentava-se como mulher, mas no dia a dia, tentava fingir que era um homem, de acordo com o seu registro de nascimento. Bianca parecia uma mulher vestindo roupas de homem, era notável seu desconforto; e somente após o final de sua participação do ViraVida que reuniu forças para reinscrever em seu corpo, de vez, as práticas de gênero que mais se adequavam a sua autopercepção.

Considerações Finais

Voltando a Berenice Bento (2006), é possível empreender da experiência identitária transexual reflexões para os processos de construção de gênero de uma maneira mais ampla, como se a experiência trans. nos fornecesse valiosas lições que devemos aprender e com isso tornar claros os processos sociais performativos de construção e "normalização" de gênero. Ela discute gênero como um mecanismo de constrangimento e opressão operado por conta da produção de corpos inteligíveis, corpos que precisam corresponder a uma estética do gênero. Contudo, defende Bento que estudar a população trans não é somente um ato acadêmico no âmbito das discussões políticas, é, sobretudo um ato político, dada a vulnerabilidade dessa população. Segundo ela, a descoberta do corpo sexuado “é um momento de atribuição de sentido para as várias surras, insultos e rejeições familiares” (2006, p. 96). Ter um/a pênis/vagina e não conseguir agir de acordo com as expectativas sobre essa genitália seria sinônimo de não conseguir desenvolver o gênero “apropriado” para seu sexo, e isso é uma descoberta vivenciada com grande surpresa para alguns/algumas.

A partir disso, Bento e Pelúcio (2012) debruçaram-se sobre a despatologização da identidade trans., articulando suas vozes a uma luta política deixada em segundo plano pelo movimento LGBT. Elas defendem que todos já nascemos cirurgiados, na medida que ao longo da gestação o acompanhamento médico tem o dom de criar o bebê gestado, que se traduz em uma série de expectativas para com as cores, os brinquedos, os anseios dos pais. Ao nascer, a criança não é um corpo, uma natureza, um conjunto de células biológico que encerra em si uma verdade, mas sim um corpo generificado, cirurgiado no sentido de que já há uma cultura de expectativas por aquele corpo, ele não está livre dos imperativos. Para a autora, portanto, não é possível pensar em biologia quando são elencados os ensinamentos, as repressões, que dizem o que é de menina e o que é de menino.

O que a experiência transexual revela, então, são traços estruturantes da verdade para os gêneros, para as sexualidades e para as subjetividades. A pergunta da jovem Fê no início do texto evidencia que um futuro distante da margem social parece ainda inalcançável para muitas travestis e transexuais, especialmente no que tange aquelas oriundas das favelas, quando se entende, como diz Vergne (2013), que aos moradores de territórios sociovulneráveis também é negado uma mobilidade social tal e qual a quem não pertence a este território.

Referências bibliográficas

- ARAN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. Rio de Janeiro: *Ágora*. v. 9, n. 1, p. 49-63, Junho de 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 Fev. 2016.
- BECKER, H. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.
- _____. *O Que é a transexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 2008.
- _____. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos / Berenice Bento*. - Salvador: EDUFBA, 2017.
- BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, p. 569-581, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200017/22863>>. Acesso em 15/11/2016.
- BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo. In: LOURO, G. L. *O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade*. Belo horizonte: Autêntica, 2000. P. 152-167.

- DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. *Nas redes do sexo: Os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017
- EFREM FILHO, R. *Mata-Mata: Reciprocidades constitutivas entre classe, gênero, sexualidade e território*. Campinas, SP: Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.
- FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu* (17/18), 2002: pp.9-79.
- FOUCAULT, M. *A História da Sexualidade III: O Cuidado de Si*. 8 ed. São Paulo, Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.
- GREEN, J. N. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- JESUS, J. G. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: <http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans>. Acesso em 12/03/2017.
- LOURO, G. L.. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério D.(org). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. Disponível em: <portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015502.pdf>. Acesso em: 12/03/2017.
- MOTA, M. *Ao sair do Armário entrei na velhice...: Homossexualidade masculina e o curso da vida*. Rio de Janeiro: Mobile, 2014.
- MUYLAERT, CJ; JÚNIOR, VS; GALLO, PR; NETO, MLR; REIS, AOA. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa Qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem USP* 2014; 48(Esp2): 193-199. Disponível em www.ee.usp.br/reeusp/. Acesso em: 24/07/2017.
- OLIVEIRA, M. R. G. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Curitiba: Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, 2017.
- PRECIADO, P. B.. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1edições, 2014.
- PETRY, A. P.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos*: Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011.
- RUBIN, G. *O Tráfico De Mulheres: Notas Sobre A Economia Política Do Sexo*. *SOS Corpo*. Recife, 1993.
- SANTOS, W. S. Os Níveis de interpretação na entrevista de Pesquisa de natureza interpretativa com narrativas. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. (org) *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2013. p. 21-36.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VERGNE, Celso de Moraes. *A trama da besta: a construção cotidiana do genocídio do negro no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2013.
- WITTMANN, I. *Corpo, gênero e identidade: Experiências transgênero na cidade de Manaus*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2016.